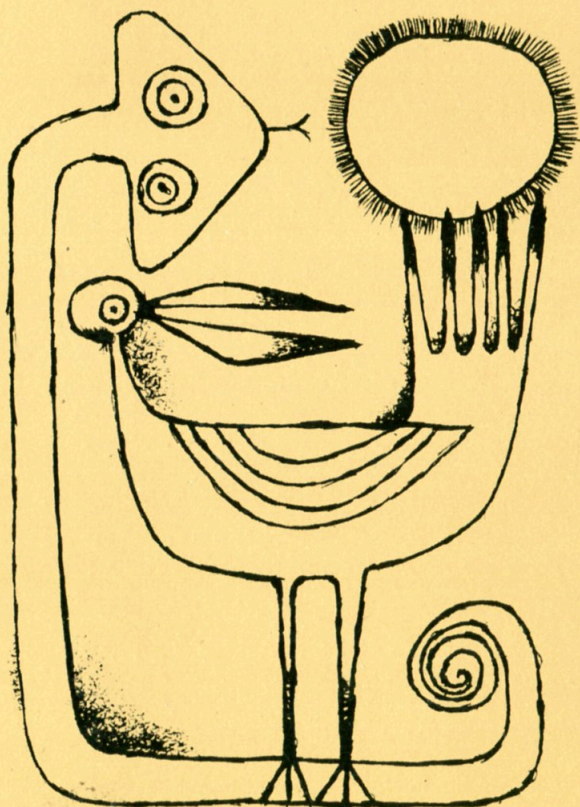
JEHAN MAYOUX

O PRINCÍPIO DE EQUIVALÊNCIA E A SUA MÉDIA ELEVADA

BILINGUE

O PRINCÍPIO DE EQUIVALÊNCIA

E A SUA MÉDIA ELEVADA

Ladrões de Fogo
1

O PRINCÍPIO DE EQUIVALÊNCIA

E A SUA MÉDIA ELEVADA

Jehan Mayoux

Felício & Cabral – Publicações, Lda

Título: O princípio de equivalência e a sua média elevada
Autor: Jehan Mayoux
Título original: Le principe d'équivalence et sa moyenne élevée
Tradução: Regina Guimarães
Desenho da Capa: Charles Le Bars
Edição: Felício & Cabral — Publicações, Lda
Apartado 4287
4004 PORTO CODEX

ISBN: 972-8205-03-1

Índice

Na página seguinte, Jehan Mayoux e Alfred Campozet, seu camarada de cativeiro na Alemanha, durante a guerra.

EVOCAÇÃO
O RETRATO DO POETA NO ESPELHO DOS AMIGOS

A primeira aparição de Mayoux na minha vida foi a dum rosto inesperadamente inscrito no postigo duma porta de prisão. Já não me recordo do que ele me cochichou; como a abertura era estreita, nem sequer lhe vi a cara toda, vi um sorriso, um olhar e soube imediatamente que com aquele sorriso, com aquele olhar, a amizade entrava na minha cela.

Nos dias seguintes, trocámos bilhetes furtivamente transmitidos pelos cantineiros, e depois textos. Até conseguimos conversar durante os breves encontros nos corredores (ambos estávamos no segredo) graças à cumplicidade dum guarda que, dentro do mais aviltante dos ofícios, soubera continuar a ser um homem todo ele bondade.

Todas as tardes, eu e o Jehan esperávamos o momento em que ele remexia na fechadura dizendo: «Vamos lá, ó da consciência! Para o pátio». Como nos tinham posto no segredo — e na porta do Mayoux um letreiro prevenia: «Detido perigoso» — para a hora do recreio tínhamos de ser conduzidos sozinhos e separadamente. A fim de cumprir as ordens, o guarda mandava-nos caminhar um três passos à frente, o outro três passos atrás, mas não sem nos deixar reduzir a distância para trocarmos algumas palavras quando não havia ninguém à vista.

Enclausurados nos nossos respectivos pátios, separados por muros de três metros de altura e ainda por cima vigiados por um magala postado na torre central, não podíamos nem comunicar nem sequer ver-nos um ao outro, mas tínhamos inventado um jogo. A base do muro tinha sido furada com um bueiro para escoamento das águas. Já não sei qual de nós, se eu se o Jehan, teve a ideia de atirar, a pontapé, para o pátio vizinho um calhau pequeno que lhe foi devolvido da mesma maneira. A partir daí, elaborou-se o jogo. Jogo sem regras, do qual é difícil explicar o interesse, que consistia em surpreender ou divertir o outro, mediante o arremesso mais ou menos violento de um ou vários calhaus. Sem vencedor nem derrotado, o jogo devia parecer completamente idiota ou pelo contrário infinitamente subtil ao tipo que, lá em cima no mirante, morria de tédio, mas para nós revestia uma forma de troca.

Assim se consolidou uma amizade que, de casa de detenção para cadeia central, de stalag para campo de trabalho, através da Áustria e do Saxe passando por Rawa-Ruska, nos sustentou, fortificou, e decerto permitiu, como dizia o próprio Jehan, salvar as nossas almas. O termo pode surpre-*

ender vindo de um ateu tão irredutível, mas concerteza não existe outro para exprimir a vontade feroz, que foi sempre a sua, de não se deixar abater pelos acontecimentos, nem pelos seres.

Nunca conheci um homem com um sentido da honra mais desenvolvido. Era nele uma qualidade tão imediatamente aparente que podia suscitar logo à primeira vista ódios ou simpatias igualmente violentas.

Será preciso dizer que os filhos da puta o detestavam mal o conheciam?

Há homens que me desprezam com olhos de manteiga.

Outros, felizmente a maioria, amavam-no pela sua gentileza, mas também pela sua recusa de qualquer transigência. Quando foi preciso constituir o dossier de amnistia de Mayoux, os nossos camaradas de cativeiro foram unânimes em testemunhar a coragem com que, sempre à cabeça, defendeu não só os poucos direitos que nos concediam as convenções, mas sobretudo a nossa dignidade. Jehan Mayoux: um inflexível.

Essa recusa em se vergar à infâmia conjugava-se com a fidelidade à poesia. A sua obra poética — uma das mais puras do nosso tempo — demasiado discretamente publicada em raras plaquettes ou em revistas, não ocupa o lugar que merece nas antologias. Na labareda surrealista, a poesia de Mayoux é única e só a ele pertence.

Filho de professores primários, ele próprio professor, e depois inspector do ensino, nunca deixou de percorrer os caminhos da escola, esses caminhos entre as sebes de espinheiros e os prados, que vão do burgo às quintas isoladas, perdendo-se num pequeno bosque, alargando-se mais adiante em redor de três carvalhos decepados, saltando o ribeiro atravessado por duas tábuas vacilantes, desviando-se incessantemente da linha recta, aqui em busca duma sombra, ali para gozar o abrigo do lavadoiro. Nesse caminho dá-se de caras com a libélula e a cobra. Encontra-se o esquilo, o ouriço--cacheiro, o musaranho e o poldro tresmalhado; descobre-se o ninho do melharuco e o trevo de quatro folhas. Passa-se por pátios de quinta, por ruelas onde pisca a montra da mercearia com os seus brindes surpresa e os seus paus de regoliz. Nesse caminho cavalga-se e faz-se gazeta. Vivem-se deliciosos terrores, aventuras de far-west.

Os meus tamancos ébrios de faíscas
Palraram a forja e a fonte

Para mim, a poesia de Mayoux tem o cheiro fresco da primeira sacola onde três avelãs, uma guita, um berlinde de vidro moram ao lado do «Livro de Ciências» que é mais uma fonte de mil maravilhas.

Falando dos seus poemas, no preâmbulo de Au crible de la Nuit, *escrevia ele: «Nunca me preocupei muito com o seu valor de troca». É certamente*

verdade. A poesia para ele era, antes de mais, um maravilhoso instrumento de conhecimento. Era aproximação sensual das coisas. Os seus íntimos sabem como ele podia, ao longo dum passeio por exemplo, deixar-se encantar por um objecto qualquer, por um simples pedaço de madeira apanhado pelo caminho. Com um ar aparentemente distraído, olhava para ele, acariciava-o com o dedo, talhava-o até só restar uma lasca fina e translúcida para filtrar o sol. Quando por fim o deitava fora, sabia tudo e sabia dizer-nos tudo, da semente e da seiva, do musgo, da mata, do carreiro na floresta e do medo da criança perdida.

Mayoux poeta está também presente na sua obra em prosa. Não só no Traité des Fourchettes *em que, através do humor, a reflexão atinge rapidamente a interpretação delirante, mas igualmente nos escritos políticos e críticos onde a inteligência mais lúcida e a finura da análise se encontram ao serviço do duplo imperativo que para si fixou e que nunca separou da postura poética: defender a verdade e a liberdade.*

A poesia, como o pássaro, é um desafio.

Alfred Campozet

* A enumeração de estabelecimentos prisionais descreve o percurso de Jehan Mayoux durante o seu encarceramento que durou toda a guerra (cf. «Jehan Mayoux – De uma vida alguns marcos»). A palavra alemã *stalag* é uma abreviatura de *stammlager*. Nome dado durante a guerra de 1939--1945 aos campos alemães onde estavam encarcerados os militares que não eram oficiais do exército. (N.T.)

ABERTURA

Os poetas não são necessariamente inteligentes. Pelo seu lado, a maioria dos filósofos escreve tão mal que raramente os frequentamos sem esforço, e mais ainda sem tédio. Mas quando acontece um poeta ser dotado de inteligência e de humor, é um prazer vê-lo manipular os subtis mecanismos de relojoaria do raciocínio. Assim é Mayoux.

Na época em que escreveu O princípio de equivalência, *para muitos intelectuais, a literatura só se concebia empenhada e a acção inscrevia-se naquilo a que chamavam «o sentido da história». Postulava-se uma finalidade da história e um tempo no fim dos tempos que veria desabrochar uma humanidade enfim «resgatada», para empregar uma terminologia que não era deles, mas que traduz bastante bem a ideia que do futuro têm aqueles que julgam ou fingem ver, do outro lado do espelho, a outra metade da maçã cuja existência continua de todo a ser incerta.*

Quanto às «lições da história»... os mortos-vivos de Hiroxima, se testemunharam, não foram ouvidos. Hoje estão definitivamente mortos. Enterrados no pó dos ficheiros, juntaram-se às populações «levadas a fio de espada», segundo uma expressão a que os historiadores recorrem sem emoção quando evocam as guerras de cem anos e outras cruzadas.

Alfred Campozet

O PRINCÍPIO DE EQUIVALÊNCIA

E A SUA MÉDIA ELEVADA

LE PRINCIPE D'ÉQUIVALENCE ET SA MOYENNE ÉLEVÉE

PREMIÈRE APPROCHE

1. Manipulation.

L'opérateur prend une pomme de bonne qualité ; la reinette du Canada, en septembre-octobre, fait on ne peut mieux l'affaire, mais, à condition de choisir un spécimen bien formé, presque toutes les variétés peuvent être utilisées.

Si on emploie une lame de dimensions suffisantes, bien affilée, il est relativement facile, moyennant un entraînement raisonnable, d'obtenir, par une coupe rigoureusement plane, deux moitiés de pomme identiques.

2. Banalité.

Prenant la moitié gauche entre le pouce et l'index de la main droite, l'autre moitié par les doigts correspondants de la main gauche, il vous est aisé d'appliquer l'une sur l'autre les surfaces de coupe et de les faire coïncider exactement.

La pomme réapparaît entière ; seule une imperceptible ligne fait savoir aux initiés qu'elle se compose de deux moitiés (mais quelle pomme non encore traumatisée ne comporte deux moitiés ?).

3. Expérience.

Au lieu de reconstituer la pomme par application directe, on peut le faire avec interposition d'une feuille de verre. La seconde moitié de la pomme, située au delà de l'écran transparent par rapport aux spectateurs, est aussi visible que dans le

PRIMEIRA ABORDAGEM

1. Manipulação.

O operador pega numa maçã de boa qualidade; a reineta do Canadá, em Setembro-Outubro, serve perfeitamente, mas contanto que se escolha um espécime bem formado, quase todas as variedades podem ser usadas.

Utilizando uma lâmina de dimensões suficientes, bem afiada, é relativamente fácil, com um treino razoável, obter, através dum corte rigorosamente plano, duas metades de maçã idênticas.

2. Banalidade.

Pegando na metade esquerda entre o polegar e o indicador da mão direita, e na outra metade com os dedos correspondentes da mão esquerda, ser-lhe-à fácil aplicar as superfícies de corte uma sobre a outra e fazê-las coincidir exactamente.

A maçã volta a aparecer inteira; apenas uma imperceptível linha revela aos iniciados que o fruto é composto por duas metades (mas haverá alguma maçã ainda não traumatizada que não compreenda duas metades?).

3. Experiência.

Em vez de reconstituir a maçã por aplicação directa, pode-se fazê-lo com interposição dum vidro. A segunda metade da maçã, situada do outro lado do écran transparente em relação aos espectadores, é tão visível como no caso anterior. As duas metades estão, na verdade, separadas por um intervalo que

cas précédent. Les deux moitiés sont, en fait, séparées par un intervalle correspondant à l'épaisseur du verre, on ne peut dire qu'elles sont littéralement accolées ; mais, pour les calculs théoriques, on considérera que cet éloignement, réduit à presque rien par l'emploi de verre extra-mince, est nul.

4. Difficulté.

On peut reproduire l'expérience en remplaçant le verre par une plaque opaque et dépolie d'une substance quelconque. On fait alors les constatations suivantes :

a) La seconde moitié de la pomme, située au delà de l'écran, reste invisible pour l'observateur situé en avant.

b) Cette moitié postérieure peut être enlevée sans que les phénomènes observés changent : sa présence ou son absence sont de conséquence nulle pour le spectateur.

Remarque. Les deux moitiés étant placées dans des positions symétriques par rapport à leur séparation (dont l'épaisseur théorique, nous le rappelons, doit être considérée comme nulle), on a réalisé une illustration concrète de l'adage : « vérité en deçà, erreur au delà ».

5. Homologie.

Le mécanisme de la substitution une fois acquis, rien ne nous empêche de reproduire les opérations déjà décrites en utilisant un miroir plan dont la face réfléchissante sera tournée vers le ou les spectateurs. Ceux-ci peuvent constater :

a) que, les deux moitiés une fois mises en place, la pomme apparaît reconstituée (comme en 3), toujours sous réserve d'une légère faille théoriquement négligeable ;

corresponde à espessura do vidro e não se pode dizer que estejam literalmente coladas uma à outra; mas, para os cálculos teóricos, considerar-se-á que este afastamento, reduzido a quase nada mediante a utilização duma lâmina de vidro extra-fina, é nulo.

4. Dificuldade.

Pode-se repetir a experiência substituindo o vidro por uma placa opaca e baça duma substância qualquer. Fazem-se então as seguintes constatações:

a) A segunda metade da maçã, situada do outro lado do écran, fica invisível para o espectador situado à frente.

b) Essa metade posterior pode ser retirada sem que os fenómenos observados mudem: a sua presença ou a sua ausência têm consequências nulas para o espectador.

Nota. Dado que as duas metades estão colocadas em posições simétricas em relação ao que as separa (separação cuja espessura teórica, recordemos, deve ser considerada nula), realizou-se pois uma ilustração concreta do adágio: «verdade aquém, erro além».

5. Homologia.

Uma vez rodado o mecanismo de substituição, nada nos impede de reiterar as operações já descritas utilizando um espelho plano cuja face reflectora ficará virada para o ou os espectadores. Estes últimos podem constatar:

a) que, após a colocação das duas metades, a maçã aparece reconstituída (como em 3), ressalvando, claro está, uma ligeira falha teoricamente negligenciável;

b) que, si on enlève la moitié postérieure, l'aspect de la pomme, telle qu'elle est visible pour eux, n'est pas altéré.

Le phénomène est symétrique de celui qui a été signalé plus haut en 4.a) ; alors que la moitié présente restait invisible, maintenant la moitié absente continue d'être visible.

Certains commentateurs vont jusqu'à dire qu'il n'y a pas seulement symétrie mais bien identité : dans l'un et l'autre cas la présence ou l'absence de la moitié postérieure ne modifie en rien ce que le spectateur peut observer ; absente ou présente dans le premier, il ne la voit pas ; présente ou absente dans le second, il la voit.

6. Péripétie.

Plus fréquemment qu'on ne pourrait le croire il arrive qu'une des moitiés de la pomme disparaisse en cours de manipulation : un enfant ou un singe parmi l'assistance la dérobe, l'opérateur distrait la mange lui-même, après l'avoir réduite en quartiers, etc. Le plus simple, en pareil cas, est de modeler rapidement une moitié de pomme postiche en mie de pain.

APPLICATION

On voit d'emblée la portée théorique de cette série d'épreuves.

Avant de saisir le parti offensif qu'elle nous offre, signalons immédiatement l'un des services pratiques qu'elle peut rendre. Elle permet de résumer avec clarté et élégance tout ce que les hommes ont dit ou écrit depuis six mille ans sur l'âme :

Si l'âme existait, elle ne manquerait pas de rester invisible comme la moitié de pomme présente en 4.a).

Si l'âme n'existait pas, elle serait visible comme la moitié absente en 5.b).

b) que, se a metade posterior for retirada, o aspecto da maçã, tal como é visível para eles, não apresenta alteração.

O fenómeno é simétrico daquele que foi acima evidenciado em 4.a): enquanto que então a metade presente era invisível, agora a metade ausente continua a ser visível.

Certos comentadores chegam mesmo a dizer que não há apenas simetria mas propriamente identidade: num e noutro caso, a presença ou a ausência da metade posterior não modifica em nada o que o espectador pode observar; ausente ou presente no primeiro, não a vê; presente ou ausente no segundo, vê-a.

6. Peripécia.

Mais frequentemente do que se poderia imaginar, acontece uma das metades da maçã desaparecer durante a manipulação: uma criança ou um macaco na assistência rouba-a, o operador distraído come-a depois de a dividir em quartos, etc. O mais simples, nesse caso, é modelar rapidamente uma metade de maçã postiça com miolo de pão.

APLICAÇÃO

Salta logo à vista o alcance teórico desta série de operações.

Antes de tirarmos proveito do partido ofensivo que nos oferece, apontemos imediatamente um dos serviços que na prática pode prestar. Permite resumir com clareza e elegância tudo o que os homens disseram ou escreveram de há seis mil anos a esta parte sobre a alma:

Se a alma existisse, não poderia deixar de permanecer invisível como a metade de maçã presente em 4.a).

Se a alma não existisse, seria visível como a metade ausente em 5.b).

SECONDE VUE

1. Philologie.

Dans cette ville de garnison, le champ de manœuvre, comme le bordel, se nomme le Panier Fleuri. Cette appellation d'origine populaire est passée dans la langue des officiers eux-mêmes, qui l'ont adoptée sans réticence, y voyant gauloiserie et non malice.

Madame Laure règne au Panier Fleuri. Le colonel commandant la place a conservé la prononciation de sa province ; lorsque, à la fin d'une conférence, il congédie les officiers, sa voix martiale et bien timbrée accentue fortement la voyelle initiale de sa formule de salutation : « A r'voir, Messieurs, à r'voir ».

2. Plan et relief.

Vers la route, le champ de manœuvre, plus loin creusé et bossué par les habituels produits de l'art militaire, tranchées, trous d'obus ou abris, est plat et herbeux, bordé d'une haie. L'entrée, guère plus large, ne diffère point de celle d'un quelconque pacage.

Le piétinement quotidien de la troupe en a fait disparaître l'herbe. La zone pelée, que les hivers de ce pays pluvieux transforment en fangier, va s'élargissant jusqu'au point où l'herbe, après une frange de transition parsemée de touffes rases et isolées, finit par reprendre le dessus.

En aucune saison les taupes n'y travaillent, non plus que dans la région qui lui succède, où compagnies et sections isolées effectuent leurs « en ligne face à gauche », « présentez armes » et autres cérémoniaux de fin de journée. Par contre,

À SEGUNDA VISTA

1. Filologia.

Nesta cidade de guarnição, tanto o campo de manobras como o bordel se chamam Molho de Grelos. Esta denominação de origem popular passou a fazer parte da linguagem dos próprios oficiais, que a adoptaram sem relutância, vendo nela brejeirice gaulesa e não maldade.

A Madame Laure é a rainha do Molho de Grelos. O coronel que comanda a praça conservou o sotaque da província donde é oriundo; quando, no fim duma conferência, manda retirar os oficiais, a sua voz marcial e bem timbrada prolonga sensivelmente a sílaba final da fórmula de saudação: «'té mais vere, meus senhores, 'té mais vere».

2. Plano e relevo.

Do lado da estrada, o campo de manobras, que mais adiante se desenha às covas e aos montes graças aos habituais prodígios da arte militar, trincheiras, buracos de obus ou abrigos, é raso e ervoso, cercado por uma sebe. A entrada não difere em nada da duma pastagem qualquer e pouco mais larga é.

A marcha quotidiana da tropa espezinhando a terra tosquiou a erva. A zona pelada, que os invernos desta região pluviosa transformam em lamaçal, vai-se alargando até ao ponto em que a erva, após uma franja de transição salpicada de tufos rasteiros e isolados, acaba por vingar de novo.

Nunca, em tempo algum, as toupeiras trabalham nessa zona calva, nem na que vem a seguir, onde companhias e secções isoladas executam os seus «perfilar à esquerda», «apresentar arma» e outros cerimoniais de fim do dia. Em contrapartida,

dans les angles morts, entre la draille à soldats et la haie, les taupinières sont nombreuses, de plus en plus serrées à mesure qu'on se rapproche de la clôture.

L'observateur attentif note que cet espace tondu, entre les territoires occupés par les taupes, dessine sur le sol la coupe d'une taupinière (ou d'un volcan) dont le sommet serait tourné vers la route.

3. Architecture.

Le centre de la construction souterraine de la taupe se nomme donjon. (Il est éloigné de la taupinière — seule accessible à l'observation directe — laquelle, loin de constituer l'objet même du travail taupin, n'est à proprement parler qu'un terril.) C'est l'image inversée, à l'échelle de l'utilisateur, des donjons jadis élevés par l'homme. Au-dessus du plan de nos semelles, la sécurité, semble-t-il, est assurée par le plein des murs, au-dessous, par le creux des galeries.

On rend mieux compte des faits en disant :

a) que l'homme et la taupe occupent l'un comme l'autre les vides de leurs édifices (en dépit du langage courant, l'homme n'est pas *dans* les murs, mais dans les salles voûtées, les passages couverts, les escaliers vrillant les murailles) ;

b) que la taupe, par une méthode de construction directe, obtient le creux habitable à l'intérieur d'un plein préexistant ;

c) que l'homme, édifiant le plein autour du creux qu'il souhaite obtenir, procède par création indirecte.

nos ângulos mortos, entre o carreiro dos soldados e a sebe, as tocas de toupeira são numerosas, cada vez mais cerradas à medida que nos aproximamos da cerca.

O observador atento reparará que este espaço rapado, entre os territórios ocupados pelos fossadores, traça no solo o plano em corte da fortaleza duma toupeira (ou dum vulcão) com a cratera virada para a estrada.

3. Arquitectura.

O centro da construção subterrânea da toupeira chama-se em francês «donjon» — torre de menagem. (Encontra-se afastado do montículo — única parte acessível à observação directa — o qual, longe de constituir o objecto do trabalho toupeiro, não passa a bem dizer duma escombreira). Com efeito, é a imagem invertida, à escala do utente, das torres de menagem outrora erigidas pelo homem. Acima do nível das nossas solas, a segurança é, ao que parece, garantida pelo maciço dos muros, abaixo pelo oco das galerias.

Para melhor dar conta dos factos, dir-se-á:

a) que tanto o homem como a toupeira ocupam o vazio dos seus edifícios (não obstante a expressão corrente, o homem não vive *intramuros* mas sim nas salas de abóbada, nos corredores de passagem e nas escadas em caracol que verrumam as muralhas);

b) que a toupeira, através dum método de construção directa, obtém um espaço oco habitável dentro dum maciço pré-existente;

c) que o homem, ao edificar o maciço em torno do oco que pretende obter, opera por criação indirecta.

4. Exception.

L'homothétie n'est pas parfaite, le renversement n'est pas total quand on va de l'édifice humain au domaine de la taupe. Par un côté les deux constructions sont identiques : les fameux souterrains pour sorties secrètes ou fuites désespérées des forteresses médiévales relèvent de la même technique directe que les boyaux de la taupe.

Note. A partir de cette constatation, d'intrépides théoriciens ont cherché à établir une corrélation entre sécurité statique et construction indirecte, sécurité mobile et architecture directe. Théorie absurde, puisque le terrier du grillon n'a qu'une issue.

5. Symbolique.

Le château fort reste la plus accomplie des créations de la volonté de puissance. Ceux qui sottement disent qu'il est « dépassé » oublient qu'un archétype reste vivant dans ses doublets successifs. Que sont le char de combat ou le cuirassé, avec leurs tourelles-donjons, sinon des châteaux forts qui se déplacent ?

D'autres avatars sont plus subtils. L'officier porte un képi. Ce cylindroïde à paroi rigide, si mal fait pour tenir sur une tête, serait, vu son incommodité en tant que coiffure, parfaitement inexplicable si l'on ne s'avisait qu'il est la simple reproduction du donjon féodal.

L'objet qui, comme le képi, tire sa signification non de lui-même, mais de ce qu'il représente (parfois de façon si cursive que l'allusion échappe à l'œil non prévenu) est couramment nommé objet symbolique.

Remarque. Dans une civilisation plus avisée que la nôtre, le crâne du futur officier serait façonné dès le berceau « à la demande », comme disent les artisans et, l'âge venu, s'adapterait parfaitement au képi. Celui-ci, fermement assuré

4. Excepção.

A homotetia não é perfeita, a inversão não é total quando se passa do edifício humano ao domínio da toupeira. Há um aspecto em que as duas construções são idênticas: os famosos subterrâneos para saídas secretas ou fugas desesperadas das fortalezas medievais resultam da mesma técnica directa que as galerias da toupeira.

Nota. A partir desta constatação, alguns teóricos intrépidos tentaram estabelecer uma correlação entre segurança estática e construção indirecta, segurança móvel e arquitectura directa. Teoria absurda, visto que a toca do grilo só tem uma saída.

5. Simbólica.

O castelo ameado continua a ser a mais consumada criação da vontade de poder. Aqueles que nesciamente dizem que está «ultrapassado» esquecem-se de que um arquétipo permanece vivo nas réplicas que lhe sucedem. O que são o tanque ou o couraçado com as suas torres blindadas, senão castelos em movimento ?

Outros avatares são mais subtis. O oficial usa um quépi. Esse cilindróide rígido, tão mal concebido para se segurar numa cabeça, seria, dado o seu desconforto enquanto chapéu, perfeitamente inexplicável se não ponderássemos que se trata duma mera reprodução da torre de menagem feudal.

Ao objecto que, como o quépi, adquire significação não pelo que é, mas pelo que representa (por vezes de forma tão corriqueira que a alusão escapa ao olho desprevenido) chamamos correntemente objecto simbólico.

Observação: Numa civilização mais sagaz do que a nossa, o crâneo do futuro oficial seria moldado, desde o berço, «à medida» como dizem os artesãos, e, na idade própria, adaptar-se-ia perfeitamente ao quépi. Solidamente encaixado na sua

sur sa base, pourrait avoir une hauteur plus satisfaisante à l'esprit que celle dont il doit se contenter quand il couronne un crâne brut.

6. Variantes instructives.

L'exemple ci-dessus ne doit pas abuser. Le couvre-chef symbolique est modelé par le rêve immédiat ou lointain de ceux qui le portent. Sa signification n'est donc pas nécessairement commandée par le seul passé.

L'officier prussien, au temps de Bismarck, portait un casque à pointe, visiblement inspiré de la coiffure guerrière de nos ancêtres les Gaulois. Le rêve de l'armée prussienne était alors de battre celle de Badinguet réputée la plus forte du monde. Par le casque à pointe, représentant l'adversaire, elle s'attribuait (opération magique élémentaire) les vertus de celui-ci pour le mieux vaincre. L'objet a rempli cette fonction jusqu'à la guerre de 1914, tant que le militarisme germanique a considéré le coq gaulois comme son principal antagoniste.

La casquette à forte tonture des officiers d'Hitler marquait que pour eux l'ennemi le plus redoutable, auquel ils s'identifiaient symboliquement pour l'abattre, n'était plus la France mais l'Angleterre. Leur casquette, sous la forme simplifiée du pont d'un navire d'autrefois, représentait la puissance maritime britannique.

7. Moulages et musées.

Les naturalistes, pour mieux étudier les travaux de la taupe ou d'autres animaux fouisseurs, ont coutume d'en prendre des moulages. La partie haute du système étant atteinte on y coule du plâtre à prise lente, très liquide. Il ne reste plus, quand il est solidifié, qu'à déterrer sommairement l'ensemble puis à éli-

base, este último poderia atingir uma altura mais satisfatória para o espírito do que o escasso palmo com que a mente se tem de contentar quando o quépi cinge um crâneo bruto.

6. Variantes instrutivas.

O exemplo acima descrito não nos deve ofuscar. O chapéu simbólico é moldado pelo sonho imediato ou longínquo daqueles que o usam. A sua significação não é pois necessariamente determinada só pelo passado.

O oficial prussiano, no tempo de Bismarck, usava um capacete pontiagudo, visivelmente inspirado no elmo guerreiro dos nossos antepassados gauleses. O sonho do exército prussiano era então derrotar o de Badinguet, tido como o mais forte do mundo. Através da forma pontiaguda do capacete que representava o adversário, o exército prussiano atribuía a si próprio (operação mágica elementar) as virtudes dos inimigos para melhor os derrotar. O objecto em questão desempenhou este papel até à guerra de 1914, enquanto o militarismo germânico considerou o galo gaulês o seu principal antagonista.

O boné de acentuada curvatura dos oficiais de Hitler exprimia que para eles o inimigo mais temível, ao qual passaram a identificar-se a fim de o derrubarem, já não era a França mas a Inglaterra. O novo boné, cuja forma era uma estilização da curvatura do convés dum navio à moda antiga, representava o poderio marítimo britânico.

7. Moldagens e museus.

Para estudarem melhor as lides da toupeira e de outros animais fossadores, os naturalistas costumam fazer moldagens. A partir da zona alta do sistema, verte-se um gesso de prisão lenta, muito líquido. Quando o gesso endurece, resta desenterrar sumariamente o conjunto e depois eliminar com cuidado

miner avec soin la terre, au jet si elle est friable, à l'ébauchoir quand elle est compacte.

Outre qu'elle permet des mensurations précises, la méthode a l'énorme avantage d'épargner au chercheur l'épuisant effort d'imagination qui consiste à réduire sa propre taille à la dimension voulue pour aller circuler dans des galeries obscures.

Le vide transformé en plein, les ténèbres en blancheur, le donjon de la taupe, par le moulage, devient semblable à la lanterne d'Aristote d'un oursin gigantesque. Contrairement à ce qu'imagine le profane, le réduit terminal n'est que très exceptionnellement circulaire ; en règle générale, il est oblong. De sorte que, si on le sépare de l'enchevêtrement des couloirs d'accès, on obtient une espèce de fossile crayeux de même forme que la casquette hitlérienne.

a terra, de jacto se for friável, com um desbastador caso seja compacta.

Para além de permitir medições precisas, o método tem a enorme vantagem de poupar ao investigador o extenuante esforço de imaginação que consiste em reduzir o seu próprio tamanho à dimensão necessária para poder circular nas galerias sombrias.

Uma vez o vazio transformado em cheio, as trevas em alvura, a fortaleza da toupeira, graças à moldagem, torna-se idêntica à lanterna de Aristóteles dum gigantesco ouriço do mar. Contrariamente ao que imagina o profano, o reduto extremo só muito excepcionalmente é circular; em regra geral, é oblongo. De maneira que, se o separarmos da rede emaranhada dos corredores de acesso, obtemos uma espécie de fóssil gredoso cuja forma é igual à do boné hitleriano.

AUTRE PORTE

1. Expérience.

Vous prenez un chapeau, une corbeille, une boîte à chaussures, peu importe ; vous y jetez 100 petits papiers pliés en quatre, rigoureusement identiques, sur lesquels vous avez préalablement inscrit les nombres de 1 à 100. Vous demandez à l'une des personnes présentes de tirer un billet.

Note. Désigner pour cette opération un enfant ou un adulte est sans importance quant à la suite ; la seule différence, si vous avez élu un enfant qui risque fort de ne pas s'intéresser à vos spéculations, est que vous serez conduit, les adressant à un autre que le tireur, à formuler les questions qui suivent à la troisième personne au lieu de la seconde.

Supposons qu'un adulte ait choisi, si tant est que l'on puisse ici parler de choix, déplié le papier et lu le nombre 27 (nous verrons que le nombre ne joue, par lui-même, aucun rôle dans la démonstration, donc que celle-ci est valable quel que soit le billet sorti du chapeau).

2. Maïeutique.

Le problème étant d'importance, il est recommandé de procéder avec la plus grande rigueur, sans oublier aucune étape du raisonnement. Vous demandez donc :

— Quel nombre avez-vous tiré ?

— 27.

— Combien aviez-vous de chances de tomber sur un nombre différent ?

OUTRA PORTA

1. Experiência.

Pegue num chapéu, num cesto, numa caixa de sapatos, tanto faz; deite no recipiente 100 papelinhos dobrados em quatro, rigorosamente idênticos, nos quais terá previamente escrito os números de 1 a 100. Peça a uma das pessoas presentes para tirar um papel.

Nota. Eleger para este efeito uma criança ou um adulto não tem incidência no andamento das operações; a única diferença, acaso tenha designado uma criança que provavelmente não estará interessada nas suas especulações, é que você será levado, dirigindo-as a outro que não o tirador, a formular as perguntas que se seguem na terceira pessoa e não na segunda.

Suponhamos que um adulto tenha escolhido, se é que se pode falar de escolha neste caso, desdobrado o papel e lido o número 27 (veremos depois que o número não interfere na demonstração e que esta é portanto válida qualquer que seja o bilhete tirado do chapéu).

2. Maiêutica.

Dada a importância do problema, recomenda-se proceder com o maior rigor, sem esquecer nenhuma etapa do raciocínio. Assim, você questionará:

— Que número tiraste?

— 27.

— Quantas hipóteses tinhas de calhar num número diferente?

— Quatre-vingt-dix-neuf.

— Combien aviez-vous de chances de sortir le nombre 27 ?

— Une.

— Que dit-on d'un événement qui a 99 chances sur 100 de se produire ?

— On en dit qu'il est probable.

— Et de celui qui n'a qu'une chance sur cent ?

— Qu'il est improbable.

— Etait-il probable que vous preniez un papier portant un nombre autre que 27 ?

— Evidemment.

— Du fait probable ou de l'improbable, quel est celui qui s'est réellement produit ?

— Le fait improbable.

3. Loi.

Profitant du silence interrogateur et plutôt hostile qui suit, vous pouvez alors formuler la loi d'improbabilité :

Tout fait réel, si on examine ses origines, apparaît comme ayant été hautement improbable.

4. Sophismes.

Même précédé d'une démonstration parfaitement probante, l'énoncé de cette loi capitale de l'histoire ne manque jamais de susciter, parmi nos civilisés s'entend, un vif malaise et des discussions aussi confuses que passionnées. La conduite de l'expérience étant inattaquable, on vous objectera que la loi n'est pas universelle, que dans certains cas (voire dans la plupart des cas) le fait probable devient réel, donc que le fait réel était probable.

— Noventa e nove.

— Quantas hipóteses tinhas de tirar o número 27?

— Uma.

— O que é que se diz dum facto que tem 99 por cento de hipóteses de acontecer?

— Diz-se que é provável.

— E daquele que tem um por cento de hipóteses?

— Que é improvável.

— Era provável tirares um papel com um número diferente de 27?

— Evidentemente.

— Dos dois factos, o provável e o improvável, qual foi o que aconteceu realmente?

— O facto improvável.

3. Lei.

Tirando partido do silêncio interrogador e algo hostil que se segue, pode então formular a lei da improbabilidade:

Todo o facto real, se examinarmos as suas origens, aparece como tendo sido altamente improvável.

4. Sofismas.

Mesmo antecedido duma demonstração perfeitamente convincente, o enunciado desta lei capital da história nunca deixa de suscitar, no seio dos civilizados entenda-se, um vivo mal estar e discussões tão confusas quanto apaixonadas. Dado que o desenrolar da experiência é formalmente inatacável, hão--de objectar-lhe que a lei não é universal, que em certos casos (ou até na maioria dos casos) o facto provável torna-se real, logo que o facto real era provável.

5. Réfutation.

Vous répondrez à votre contradicteur que l'objection est connue, mais de portée nulle, comme vous allez le lui montrer. Vous sortez de votre poche ou vous cueillez sur un meuble quelque petit objet, une bille de plomb ou d'acier, un coquillage, un dé, une pièce de monnaie. Etant assis, vous écartez les jambes, placez la main qui tient l'objet entre le pouce et l'index à égale distance de vos deux genoux (l'avant-bras appuyé sur l'un d'eux). Quand tous les regards convergent sur le dé, vous ouvrez les doigts. Comme chacun sait, le dé tombe sur le tapis. Vous faites répéter l'opération par celui que vous voulez convaincre. Il obtient le même résultat et vous fait triomphalement observer que si le dé a tombé il était cependant probable qu'il tombât.

Vous ne repousserez pas cette conclusion empirique mais, personne n'étant capable d'en déduire la moindre règle, vous vous en chargerez avec le plus grand calme :

« Quand une série arrive à son terme, et que tous les éléments sont disposés de manière à ce qu'un seul fait nouveau soit possible, ce fait, infiniment probable, devient réel ».

Une telle formule étant plus facilement acceptée que comprise, ne craignez pas d'insister et de montrer qu'elle se ramène à cette constatation tautologique : tout fait en train de se produire se produit.

6. Application sociologique.

Quand un suicide qui s'est jeté par une fenêtre du sixième étage d'un immeuble situé dans une rue sans arbres passe à la hauteur du second, il est extrêmement probable qu'il aille s'écraser sur le trottoir. Cette certitude ne contredit en rien la loi d'improbabilité puisqu'elle néglige (cf. la loi ci-dessus) les *origines* du fait qui va se produire ou, mieux, qui se produit.

La police, au cours de son enquête, trouve une photographie sur laquelle l'homme, aux côtés d'une femme belle et

5. Refutação.

Responda ao contraditor que a objecção apresentada é conhecida, mas de alcance nulo, como não vai tardar a provar-lhe. Tire do bolso ou de cima dum móvel um pequeno objecto qualquer, um berlinde de chumbo ou de aço, uma concha, um dado, uma moeda. Sente-se, afaste as pernas, coloque a mão que segura o objecto entre o polegar e o indicador a igual distância dos seus dois joelhos (com o antebraço apoiado sobre um deles). Quando todos os olhares convergirem para o dado, abra os dedos. Como é consabido, o dado cai no tapete. Mande repetir a operação à pessoa que pretende convencer. Ela obterá o mesmo resultado e triunfalmente observará que o dado caiu muito embora fosse provável que caísse.

Não rejeite esta conclusão empírica, mas, sendo certo que ninguém se mostrará capaz de deduzir a menor regra, encarregue-se de o fazer, com a maior das calmas:

«Quando uma série chega ao seu termo e todos os elementos estão dispostos de maneira a que um único facto novo seja possível, esse facto torna-se real».

Como uma fórmula deste tipo é sempre mais facilmente aceite do que compreendida, não hesite em insistir e mostrar que o enunciado se reduz à seguinte constatação tautológica: Todo o facto que esteja a acontecer, acontece.

6. Aplicação sociológica.

Quando um suicida, que se atirou por uma janela do sexto andar dum edifício situado numa rua sem árvores, chega à altura do segundo, é extremamente provável que se vá esmagar contra o passeio. Esta certeza não contradiz em nada a lei da improbabilidade visto que negligencia (cf. a lei supracitada) as *origens* do facto que vai acontecer ou, melhor, que acontece.

A polícia, no decorrer do inquérito, encontra uma fotografia na qual o homem, ao lado de uma mulher bela e sorridente,

souriante, entouré d'amis, semble véritablement heureux (l'image est un travail d'amateur). La correspondance saisie, de nombreux témoignages concordants prouvent qu'il se considérait avec les meilleures raisons comme au faîte du bonheur et que son entourage s'en réjouissait sans réserves. Si l'enquêteur est intelligent (ce qui, à l'encontre d'une opinion très répandue, est fort possible) il ne manquera pas de se dire qu'il était alors tout à fait improbable que ce garçon dût un jour — deux ans plus tard à peine — quitter volontairement la vie.

7. Futur et passé.

Le passé — c'est un truisme de dire qu'il s'allonge chaque jour — est la somme des faits, connus ou non, réellement advenus. Il a donc été soumis à la loi d'improbabilité. Le futur, rien ne permet de croire qu'il puisse échapper à cette même loi. La facilité dérisoire avec laquelle (par à travers le cerceau du présent, comme eût dit Verhaeren) il devient passé sous nos yeux interdirait à elle seule cette hypothèse saugrenue, et cependant...

Cependant, chaque fois que les hommes pensent au futur, pour le prévoir, l'imaginer, le préparer, l'accueillir, le « planifier », selon l'expression à la mode, ils le font en termes de probabilité ! Cette aberration explique pourquoi et comment les fameux « enseignements de l'histoire » n'ont jamais été de la moindre utilité pour personne.

8. Témoignage et histoire.

Professionnel, amateur ou profane, chacun a compris ou appris que l'histoire n'est accessible que par le dédale des témoignages, monumentaux, documentaires ou humains. Qui s'intéresse au passé déplore les lacunes, définitives ou

rodeado de amigos, parece verdadeiramente feliz (a imagem é um trabalho de amador). Examinada a correspondência, um grande número de testemunhos concordantes provam que a vítima se considerava, com as melhores razões, no auge da felicidade e que os seus próximos folgavam com isso. Se o investigador for inteligente (coisa que, ao contrário dum preconceito muito generalizado, é assaz possível) não deixará de pensar que era então de todo em todo improvável que aquele rapaz viesse um dia — uns escassos dois anos depois — a renunciar voluntariamente à vida.

7. Futuro e passado.

O passado — dizer-se que é cada dia mais longo não passa dum truísmo — é a soma dos factos, conhecidos ou não, realmente sucedidos. Portanto foi determinado pela lei da improbabilidade. O futuro, nada permite crer que possa escapar à mesma lei. A facilidade irrisória com a qual (por e através do arco do presente, como teria dito Verhaeren) se torna passado a olhos vistos bastaria para afastar essa hipótese extravagante; e no entanto...

No entanto, cada vez que os homens pensam no futuro, a fim de o preverem, o imaginarem, o prepararem, o acolherem, o «planificarem», retomando uma expressão em voga, fazem-no em termos de probabilidade! Esta aberração explica porquê e como os famosos «ensinamentos da história» nunca tiveram utilidade alguma para ninguém.

8. Testemunho e história.

Profissionais, amadores ou profanos, todos compreendemos ou aprendemos que a história só é acessível através do dédalo dos testemunhos, monumentais, documentais ou humanos. Quem se interessa pelo passado deplora as lacunas, definitivas

temporaires, de la documentation qui s'offre aux chercheurs : civilisations disparues, édifices rasés, documents détruits, archives encore inaccessibles ; ce qui subsiste ne se lit pas à livre ouvert, il faut d'abord, par des méthodes ingénieuses et souvent efficaces, se livrer à la critique des témoignages. Il semble qu'historiens et philosophes n'aient jamais réfléchi à une particularité des témoignages relatifs aux périodes troublées, spécialement aux guerres : nous ne recueillons jamais que ceux des survivants. S'ils permettent (et encore) de reconstituer les faits matériels de façon relativement satisfaisante, l'absence de leur complément les transforme, à l'insu de tous, en faux témoignages pour ce qui concerne l'homme (où est l'historien qui accepterait de négliger l'humain dans l'histoire ?). L'adolescent qui interroge ici son aïeul sur Verdun, là ou ailleurs son père sur Stalingrad, ne peut connaître que le point de vue du survivant, se forger, en fonction d'une éventuelle tuerie, une mentalité déjà consentante de survivant.

La nouveauté absolue d'Hiroshima — dont l'éclair fabuleux, à côté des victimes traditionnelles engendra des milliers de morts-parlants destinés à s'effacer les jours, les mois, les années qui suivirent — ce fut d'introduire dans l'histoire *le témoignage des morts.*

ou temporárias, da documentação com que os investigadores deparam: civilizações desaparecidas, edifícios arrasados, documentos destruídos, arquivos ainda inacessíveis; e naquilo que subsiste não se lê como num livro aberto, primeiro é preciso, através de métodos engenhosos e muitas vezes eficazes, levar a cabo a crítica dos testemunhos. Parece que historiadores e filósofos nunca reflectiram sobre uma particularidade dos testemunhos relativos aos períodos conturbados, especialmente às guerras: só recolhemos os dos sobreviventes. Conquanto estes últimos permitam (e ainda assim...) reconstituir os factos materiais de maneira relativamente satisfatória, a ausência do seu complemento transforma-os, sem ninguém dar conta, em falsos testemunhos no que diz respeito ao homem (e onde está o historiador que aceitaria pôr de parte o humano na história?). O adolescente que aqui interroga o avô sobre Verdun, ali ou alhures o pai sobre Estalinegrado, só pode conhecer o ponto de vista do sobrevivente, forjar para si próprio, na perspectiva duma eventual carnificina, uma mentalidade já consentidora de sobrevivente.

A novidade absoluta de Hiroshima — cujo clarão fabuloso, a par das vítimas tradicionais, engendrou milhares de mortos-falantes destinados a apagarem-se nos dias, nos meses, nos anos que se seguiram — foi introduzir na história *o testemunho dos mortos.*

D'UNE ANNÉE SUR L'AUTRE

La scène.

Vers la fin d'un repas amical. Tablée d'une douzaine de personnes, hommes et femmes dans la vivacité de leur jeunesse, quelques adolescents ; un seul homme âgé, pas encore un vieillard : le maître de maison. Les bouteilles vides disent que l'on a bu de bon vin avec discernement ; l'animation générale tient à l'intérêt de la conversation, au plaisir d'être ensemble, non à l'alcool.

L'hôte, avec une sorte de solennité timide, demande l'autorisation de raconter une anecdote. Il obtient d'emblée l'attention de tous, çà et là teintée d'indulgence amusée.

Il parlera lentement, avec des silences inhabituels, comme s'il hésitait, déchiffrant un texte peu lisible, ou attendait que se forme dans son esprit la suite d'un récit improvisé, ou encore, conférencier mondain, calculait ses effets.

La fable.

Le citoyen Charles Marx — comme écrivait Bakounine — n'aimait pas les Français, ce qui était, il faut en convenir, parfaitement son droit.

Ses filles ne partageaient pas cette aversion.

La première épousa un Français.

La seconde épousa un Français.

La troisième, un beau jour...

UNE JEUNE FEMME (sincère, mal à l'aise, craignant quelque mystification) :

— Tu inventes ou bien c'est une histoire vraie ?

— Une histoire vraie...

DUM ANO PARA O OUTRO

A cena.

Uma refeição entre amigos, a chegar ao fim. À mesa, uma dúzia de pessoas, homens e mulheres na flor da idade, alguns adolescentes; um único homem idoso, mas não ainda um velhote: o dono da casa. As garrafas vazias dizem que se bebeu bom vinho com discernimento; a animação geral deve-se ao interesse da conversa, ao prazer de estarem juntos, não ao álcool.

O anfitrião, com uma espécie de solenidade tímida, pede licença para contar uma história. Cativa logo a atenção de todos, com laivos de indulgência divertida ali e acolá.

Vai falar lentamente, com silêncios inesperados, como se hesitasse ao decifrar um texto pouco legível, ou esperasse ver nascer no seu espírito o desenlace duma narrativa improvisada, ou até, qual conferencista mundano, calculasse os seus efeitos.

A fábula.

O cidadão Carlos Marx — como escrevia Bakunine — não gostava dos franceses, coisa em que estava, convenhamos, no seu perfeito direito.

As filhas não partilhavam essa aversão.

A primeira casou com um francês.

A segunda casou com um francês.

A terceira um belo dia...

UMA JOVEM MULHER (sincera, pouco à vontade, temendo alguma mistificação).

— Estás a inventar ou é uma história verdadeira?

— Uma história verdadeira...

...la troisième donc, à son tour, tombe amoureuse d'un Français. Le père n'était pas content, mais pas content du tout ; on le comprend, mettez-vous à sa place...

Et quel était ce Français ?

Etait-ce un bellâtre, un coureur de jupons, un séducteur professionnel ?

Nullement, encore qu'il fût bel homme.

Etait-ce un nobliau, un bourgeois, un réactionnaire, bref un « ennemi de classe » ?

Non : un communard.

Etait-ce un imbécile, un être fruste, sans culture, quelque Caliban des faubourgs dont la présence au sein d'une famille d'intellectuels aurait pu devenir gênante ?

Point... c'était Lissagaray, le brillant et sagace historien de la Commune.

Mais il était français ! Deux gendres français, c'était déjà trop ; l'idée d'avoir à en supporter un troisième était intolérable au *pater familias*. Il s'opposa catégoriquement au mariage...

La fille devint folle.

(Un silence, puis :)

Les miroirs.

UN JEUNE DOCTRINAIRE (agacé, moins agressif qu'ironique ; manifestement, il connaissait déjà l'histoire)

— Et après ? Où veux-tu en venir ? Qu'est-ce que ça prouve ?

(La réponse, du tac au tac, est d'abord alerte, quelque peu martelée, puis reprennent lenteur, hésitation vraie ou feinte ; la voix souligne, non sans malice, les reprises de la phrase finale.)

— A mon sens, cela ne prouve rien, absolument rien, contre la théorie de la plus-value, ni contre aucun des travaux de Marx sur la société capitaliste.

...a terceira então, por sua vez, apaixonou-se por um francês. O pai não ficou contente, mas mesmo nada contente; é compreensível, ponham-se no lugar dele...

E quem era esse francês?

Era um bonitão, um mulherengo, um sedutor profissional?

Nem por sombras, embora fosse um belo homem.

Era um fidalgote, um burguês, um reaccionário, em suma, um «inimigo de classe»?

Não: era um militante da Comuna.

Era um imbecil, um ser grosseiro, sem cultura, um Caliban qualquer do subúrbio cuja presença no seio duma família de intelectuais poderia tornar-se incómoda?

Nada disso... era Lissagaray, o brilhante e sagaz historiador da Comuna.

Mas era francês! Dois genros franceses já era demais; a ideia de ser obrigado a suportar um terceiro era intolerável para o *pater familias*. Opôs-se categoricamente ao casamento...

A filha enlouqueceu.

(Um silêncio, e depois:)

Os espelhos.

UM JOVEM DOUTRINÁRIO (agastado, menos agressivo do que irónico; manifestamente já conhecia a história)

— E daí? Onde é que queres chegar? O que é que isso prova?

(A resposta, à letra, começa por ser expedita, algo martelada; depois voltam a lentidão, a hesitação verdadeira ou fingida; a voz sublinha, não sem malícia, as repetições na frase final.)

— A meu ver, não prova nada, absolutamente nada, contra a teoria da mais-valia, nem contra nenhum dos trabalhos de Marx sobre a sociedade capitalista.

Mais cela prouve qu'on peut, tout à la fois, être un grand penseur et un vilain bonhomme.

Cela prouve encore... mais n'abusons pas des mots ; en de pareils domaines, comment définir la preuve ? Disons : cela donne à penser... qu'on ne fait pas le bonheur des filles malgré elles. Peut-être pas seulement des filles...

Quand on a commencé de penser, peut-on savoir jusqu'où l'on ira ? Personnellement, j'en arrive à croire qu'en éliminant Bakounine, par de savantes manœuvres rien moins qu'honnêtes, Marx n'a pas, contrairement à ce qu'affirment avec tant d'assurance MM. les Staliniens et certains de nos amis d'extrême gauche, n'a pas définitivement clos le débat au sein des diverses tendances du socialisme, entre ceux qui estiment seules capables d'engendrer un monde meilleur, la contrainte, physique ou morale, la loi coercitive qui dicte à chacun sa conduite, et ceux qui voient la liberté non comme un idéal destiné à resplendir à la fin des temps, mais comme un bien positif, l'apanage de tous, susceptible de s'accroître indéfiniment, bref n'a pas clos le débat entre autoritaires et libertaires.

Mas prova que se pode ser, ao mesmo tempo, um grande pensador e um sujeito vil.

Prova ainda... mas não abusemos das palavras; numa área destas, como definir a prova? Digamos: leva a pensar... que não se faz a felicidade das filhas contra elas. Talvez não apenas das filhas...

Quando se começou a pensar, quem sabe onde se vai parar? Pessoalmente, chego a achar que ao eliminar Bakunine, através de sábias manobras tudo menos honestas, Marx não encerrou, contrariamente ao que afirmam com tanta segurança os Senhores Estalinistas e alguns dos nossos amigos de extrema-esquerda, não encerrou definitivamente o debate no seio das várias tendências do socialismo, entre aqueles que julgam que as únicas maneiras de engendrar um mundo melhor são a coacção física ou moral, a lei coercitiva que dita a todos a conduta a seguir, e aqueles que vêem a liberdade não como um ideal destinado a resplandecer no fim dos tempos, mas como um bem positivo, apanágio de todos, susceptível de crescer indefinidamente, em suma, não encerrou o debate entre autoritários e libertários.

Jehan Mayoux pouco depois do fim da guerra.

Nas páginas seguintes:

Jehan Mayoux em Saint-Jean de Maurienne, 1938
e retrato de Jehan Mayoux por Hans Bellmer
para o livro *Au crible de la nuit*, 1948

JEHAN MAYOUX
DUMA VIDA ALGUNS MARCOS

1904	*Nasce a 25 de Novembro em Cherves (no departamento de Charente).*
	Muito cedo participa na actividade militante dos pais, Marie e François Mayoux, pacifistas e fundadores de um dos primeiros sindicatos de professores primários que na época começavam a substituir as servis «amicales».
1917	*Aos 13 anos, é julgado num tribunal correccional por ter afixado propaganda pacifista. Durante o encarceramento dos pais, condenados a dois anos de prisão pela brochura* Les instituteurs syndicalistes et la guerre, *vive em casa de militantes sindicalistas, operários ou professores primários.*
1921	*Expulsos da carreira, os pais continuam afastados do ensino. O pai trabalha como revisor de provas no sector da tipografia e depois em sindicatos operários; a Ecole Normale d'Aix-en-Provence recusa-se a matricular Jehan Mayoux nas provas de acesso ao Magistério. Graças a uma onda de protestos, Jehan Mayoux acaba por ser inscrito. Primeiro da lista dos candidatos aprovados, não tarda a ser transferido, sob um pretexto fútil, para a Ecole Normale d'Avignon.*
1924-25	*Cumpre o serviço militar e é deslocado para St Maixent com o pelotão de oficiais.*
	Casa com Marie-Louise Florac.
	Continuando a sua actividade de professores primários, ambos passam uma Licence de Letras, secção história-geografia.
1926	*Nascimento de Gilles.*
1930-33	*Entra em contacto com os membros do grupo surrealista. É o começo duma longa amizade, que o ligará em particular a Yves Tanguy, Benjamin Péret e André Breton, amizade sem quebra até à morte destes últimos.*
1931	*Participa como professor primário nas lutas sindicais travadas no departamento das Bouches-du-Rhône.*
1932	*A sua candidatura a um concurso de recrutamento de redactores para o ministério é rejeitada.*
1934	*Apesar de possuir mais qualificações do que as necessárias para se tornar professor efectivo, é colocado como provisório na Ecole Normale de St-Lô. Lidera uma acção contra as ligas fascistas.*
1935	*Embora tenha concorrido a todos os lugares ao sul do rio Loire... é colocado em Dunkerque.*

Publica Traînoir. *Nesse ano, o grupo surrealista publica o texto* Du temps que les surréalistes avaient raison *que marca a ruptura do grupo com o P.C.; Jehan Mayoux, que nunca aderiu a nenhum partido, nunca se cansou e nunca se cansará de denunciar os malefícios causados pelo autoritarismo e pelo «estalinismo» em especial no movimento revolucionário, por culpa de Estaline mas de muitos outros igualmente.*

1936 *Desenvolve uma intensa actividade política; acolhe e ajuda os refugiados anti-fascistas alemães, é secretário-adjunto na Bolsa do trabalho e depois secretário do Comité de Front Populaire em Dunkerque.*

Passa o concurso de inspector do ensino primário. Segundo da lista de aprovados, é-lhe atribuído um posto em Bonneville (no departamento da Haute-Savoie) mas recusa a nomeação por a sua mulher não ter sido colocada.

1937 *Publica* Maïs.

No começo do ano escolar, instala-se como professor primário em St-Jean-de-Maurienne (departamento da Savoie). Luta pelo desenvolvimento do desporto escolar na região e promove experiências pedagógicas que visam alargar o alcance das reformas introduzidas pelo ministério do Front Populaire.

1938 *Publicação de* Le fil de la nuit.

1939 *Publicação de* Ma tête à couper.

Jehan Mayoux recusa-se a acatar a ordem de mobilização. Condenado a cinco anos de prisão por um tribunal militar, é expulso do ensino. A expulsão será pronunciada segunda vez pelo governo de Vichy. É encarcerado na casa de detenção de Lyon. Na porta da sua cela, penduram um cartaz que diz «prisioneiro perigoso». Depois é transferido para a prisão central de Clairvaux como detido de «direito comum», central essa onde o pai estivera como «prisioneiro político» em 1918.

1940 *É capturado pelos alemães no seguimento dum bombardeamento da prisão.*

1940-45 *«Prisioneiro de guerra», é eleito várias vezes como «homem de confiança» pelos seus camaradas que não ignoram nada da sua situação.*

Após várias tentativas de evasão e actos de resistência contra a máquina militar alemã, é enviado para o campo disciplinar de Rawa-Ruska, na Polónia, onde passará o último período de encarceramento.

1942 *Marie-Louise Mayoux, deslocada para Mostaganem — esposa de refractário, deitara no balde do lixo da escola um retrato de Pétain — morre acidentalmente.*

1945 *Enfim libertado, mas ainda arredado do ensino, Jehan Mayoux procura emprego nos estaleiros navais de La Ciotat: recusado como operário-aprendiz, oferecem-lhe um lugar num escritório. Trabalha com um camarada, empreiteiro de obras públicas, em Montpellier.*

1946 *Com a ajuda dos seus camaradas prisioneiros e após decisão favorável da comissão nacional «Honneur prisonnier», é reintegrado no ensino como inspector da instrução primária em Ussel (no departamento da Corrèze). Dedica-se de novo à pedagogia e trabalha em prol da divulgação, na sua zona, dos métodos de «éducation nouvelle» e do movimento Freinet. Participa como instrutor nas actividades dos C.E.M.E.A. (Centro de treino para os métodos de educação activa).*

1947 *Casa com Yvonne Coulaud, professora primária.*

1948 *Publicação de* Au crible de la nuit.

1949 *Nascimento de Alice.*

1958 *Mayoux participa na campanha pelo NÃO ao referendo de De Gaulle, depois do golpe de estado de Argel.*

Edita A perte de vue *juntamente com* Histoire Naturelle *de Benjamin Péret.*

1960 *Assina, com outros membros do grupo surrealista, o manifesto dito dos «121» sobre o direito à insubmissão na guerra da Argélia. Único signatário do documento oriundo da função pública a ter sido sancionado com expulsão firme, Mayoux é suspenso a partir de Outubro de 60. Esta suspensão durará cinco anos com um intervalo de alguns meses durante o qual trabalhará como professor «eventual» de filosofia no liceu de Ussel.*

1961 *Dá uma série de conferências no Norte da França em prol do Livre Pensamento, nas quais defende a laicidade ameaçada.*

Edita Le libérateur du Massacan *do seu amigo Alfred Campozet.*

1959-63 *Membro do gabinete do sindicato dos inspectores primários, milita «por um verdadeiro sindicato», contra a ingerência do poder gaulista na universidade.*

A sua candidatura ao cargo de director de Escola Normal nunca será aceite evidentemente.

1965 *Graças ao apoio dos seus chefes hierárquicos, dos colegas do departamento e sobretudo graças à sua obstinação, é reintegrado no seu posto em Ussel apesar da forte oposição dos políticos da Corrèze.*

1967 *Desde o seu encontro com o movimento surrealista, assinou a maioria dos textos colectivo, tendo mesmo participado na redacção de alguns deles, publicou poemas e textos em prosa em todas as revistas surrealistas.*

Em 1967, um ano após a morte de Breton, recusa-se a assinar um texto sobre a vida interna do grupo porque o considera incompatível com o próprio espírito do surrealismo. Não obstante uma

exclusão de princípio, continua a ter relações amigáveis com vários membros do grupo. Nesse mesmo ano, aposenta-se como professor mas não como poeta. Publica em Ussel — Editions Peralta — vários livros dos seus amigos surrealistas.

1968 *Participa alegremente nas manifestações estudantis em Paris e em Montpellier.*

1975 *Morre em Ussel a 14 de Julho.*

As obras completas de Jehan Mayoux foram publicadas em Ussel, entre 1976 e 1979, nas Editions Peralta.

Biografia estabelecida por Gilles Mayoux

Nota Bibliográfica

Première approche *foi inicialmente publicado na revista* La Brèche *nº 1, 1 de Outubro de 1961;* Seconde vue *na revista* Phases *nº 8, Janeiro de 1963;* Autre porte *na revista* L'archibras *nº 1, Abril de 1963;* D'une année sur l'autre *(1969?) nunca foi publicado em revista.*

Le principe d'équivalence et sa moyenne élevée *faz parte do segundo volume das* Œuvres Complètes de Jehan Mayoux*, Editions Peralta, Ussel, 1976.*

DISTRACÇÃO PASSIONAL

A poesia deve ter por finalidade a verdade prática.
Lautréamont

O princípio

O conjunto de textos que compõem este volume foram reunidos, consoante a indicação do autor, na edição póstuma das obras de Jehan Mayoux. Cada um parece funcionar como uma espécie de demonstração autónoma — os objectos ou temas de base, maçã, toca de toupeira e chapéu militar, lotaria, biografia familiar de Marx, pertencem, tal como as conclusões tiradas, a campos heterogéneos. O conjunto é a priori, *extensível — alguns foram escritos a vários anos de intervalo, o último foi certamente motivado pela reactualização de oposições fundamentais durante os acontecimentos de 68 em França. A sua homogeneidade deve-se antes de mais à forma que apresentam — entre a demonstração tendente a parodiar a exposição científica e seus avatares escolares, e a discussão herdada do diálogo socrático que, sem constituir propriamente um género, se encontra em autores como L. Carroll ou F. Kafka. Porém, de texto para texto, desenha-se um princípio, tanto ao nível do mecanismo analógico que os desencadeia como do* salto *que alarga ao campo da ética o alcance das conclusões. Esse princípio decorre duma postura perceptível no modo de intervenção do autor dentro do texto e no papel atribuído ao leitor. Sob uma aparência racional e didáctica, estes textos são regidos por um pensamento de ordem essencialmente poética e revelam uma atitude exemplar da relação surrealista com o mundo.*

A equivalência

A metáfora esteve sempre no centro das preocupações de Breton. A definição da imagem por Reverdy, «tanto mais activa quanto as realidades que põe em contacto forem distantes», foi citada e comentada já no primeiro Manifesto do Surrealismo *em 1924, retomada em* Signe ascendant *(1947) e depois em* L'un dans l'autre *(1954). A função da poesia consiste em realizar essas aproximações, o poder das palavras é fruto da sua propriedade de*

*cimentação — evidência e solidez das imagens assim criadas. Ora, na raiz de todos os textos de J. Mayoux, deparamos com essa operação poética de relacionamento de elementos heterogéneos entre os quais o texto anula a distância: entre a meia-maçã e a alma (*Primeira abordagem*), entre a construção militar e o chapéu — graças ao elemento catalisador que é a fortaleza da toupeira — (*À segunda vista*), entre a lotaria e a história (*Outra porta*), entre as filhas e os povos (*Dum ano para o outro*)...*

Em todos os casos, a aproximação opera-se em função dum critério abstracto: a visibilidade, a delimitação dum vazio e o valor mágico da analogia, a improbabilidade, a autoridade... As estratégias de enunciação variam e constituem outras tantas «armadilhas» para o leitor, confrontando-o com a evidência: pela surpresa brutal — «despropósito» aparente — em Primeira abordagem, *pela homologia visual recorrente e pela homonímia em* À segunda vista, *pelo desfasamento entre a experiência e a intuição bem como pela situação desconfortável que o leitor tem de assumir em* Outra porta, *pelo recurso ao implícito, à suspensão do pensamento que o receptor tem de completar em* Dum ano para o outro. *O rigor lógico, ao caucionar o pensamento analógico, torna-o praticamente irrefutável. O método não deixa de lembrar a 'patafísica elaborada por A. Jarry — ciência que lhe permitiu calcular a inconcebível «superfície de Deus». Neste quadro, o humor desempenha um papel de primeiro plano e é reavaliado enquanto garante da vitória do homem sobre os monstros que o subjugam.*

A média

J. Mayoux consagrou uma parte importante da sua vida à pedagogia. Estes quatro textos oferecem indubitavelmente um carácter didáctico; curiosamente, neles vemos aplicados certos métodos activos cuja implantação nas escolas o poeta preconizava: Primeira abordagem *e* Outra porta *começam com uma manipulação experimental,* À segunda vista *supõe uma observação* in loco*; os resultados parciais são consignados no fim de cada etapa; o prosseguimento do raciocínio articula-se com a formulação de eventuais objecções e sua refutação. Sobretudo, o autor atribui ao leitor um papel duplamente activo: não só este ocupa a posição tradicional de receptor e, a esse título, integra-se na audiência que assiste às manipulações de* Primeira abordagem *ou na roda de convidados à mesa em* Dum ano para o outro, *como a enunciação das conclusões parciais e a refutação das objecções eventuais implicam uma formulação mental antecipada por parte de quem lê. Por outro lado, a simplicidade da manipulação induz o leitor a projectar-se no lugar do próprio manipulador, a colocar-se na posição de experimentador. A utilização do pronome indefinido em* Primeira abordagem *favorece esta permuta; no texto* Outra porta, *J. Mayoux não hesita em colocar o leitor directamente na posição de operador — designado por «você». Depositário da palavra do autor, o leitor vê-se assim obrigado a formular a «lei da improbabilidade» e a refutar ele mesmo os argumentos que se sentiria tentado a contrapor. Esta identificação não passa evidentemente dum supremo artifício que permite contudo entrever uma vocação particular do autor: ele é aquele que ajuda, que guia o leitor num processo em que a pertinência das conclusões depende da solidariedade estabelecida durante o percurso.*

A elevação

Na dramatização do último texto, podemos identificar sob a personagem do «anfitrião» o auto-retrato irónico do autor, orador manhoso cuja hesitação é «verdadeira ou fingida» e cujos efeitos são porventura calculados. No entanto, mesmo com este recurso a um duplo ficcional, mantém-se uma visível repugnância pela utilização da primeira pessoa do singular. O autor continua omnipresente duma forma impessoal, e encarrega-se especificamente da formulação sintética — «Para melhor dar conta dos factos dir-se-á» — ou polémica —«antes de tirarmos proveito do partido ofensivo que nos oferece». Se o autor apagou todos os vestígios formais de lirismo, é porque as realidades que se propõe abordar são demasiado graves: guerra, exército, autoritarismo e todas as formas de obscurantismo. Conquanto reinvindiquem uma dimensão lúdica, estes textos são tudo menos leves. A escolha dos pronomes impessoais, a vontade de implicar o leitor, a preocupação demonstrativa traduzem fortemente a seriedade — nada mais sério do que o humor — do método analógico, o rigor e a firmeza de Jehan Mayoux no pensamento e na vida. Tal como Benjamin Péret, a quem o ligava uma amizade inabalável, Jehan Mayoux não dissociava a escrita poética dum combate mais vasto. Este é um livro de resistência.

Serge Abramovici

O conjunto de textos que compõem este volume foram reunidos, consoante a indicação do autor, na edição póstuma das obras de Jehan Mayoux. Cada um parece funcionar como uma espécie de demonstração autónoma — os objectos ou temas de base, maçã, toca de toupeira e chapéu militar, lotaria, biografia familiar de Marx, pertencem, tal como as conclusões tiradas, a campos heterogéneos. O conjunto é a priori, extensível — alguns foram escritos a vários anos de intervalo, o último foi certamente motivado pela reactualização de oposições fundamentais durante os acontecimentos de 68 em França. A sua homogeneidade deve-se antes de mais à forma que apresentam — entre a demonstração tendente a parodiar a exposição científica e seus avatares escolares, e a discussão herdada do diálogo socrático que, sem constituir propriamente um género, se encontra em autores como L. Carroll ou F. Kafka. Porém, de texto para texto, desenha-se um princípio, tanto ao nível do mecanismo analógico que os desencadeia como do salto que alarga ao campo da ética o alcance das conclusões.

Serge Abramovici